

XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT-10 – Informação e Memória

A MEMÓRIA COMO FATOR DE IMPACTO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO LEITOR: O CASO DOS ALUNOS DE PRÉ-VESTIBULARES COMUNITÁRIOS

THE MEMORY AS A FACTOR OF IMPACT ON THE LEARNING TRAINING PROCESS

Patrícia dos Santos Costa – Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT)

Ricardo M. Pimenta – Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo O presente estudo tem por objetivo abordar aspectos relacionados à importância da construção da memória infantil para a formação leitora. Para tal, apresentam-se tanto os conceitos de memória material e imaterial e de leitura na primeira fase da vida, quanto os aspectos sociais que influenciam na formação leitora dos alunos do pré-vestibular comunitário. Parte-se da premissa de que a educação e a leitura são ferramentas de inserção e emancipação social. A metodologia adotada é de caráter crítico e bibliográfico a fim de compreender as relações da memória afetiva da leitura e dos aspectos sociais no processo de formação leitora. Defende-se a ideia de que a memória pode ser identificada enquanto categoria ou função cognitiva, subjetiva, psíquica e sociocultural do sujeito informacional, visto que no campo da Ciência da Informação a memória é apresentada como categoria conceitual próxima àquela do conhecimento e da informação. Através dos dados obtidos, é possível afirmar que hábito de leitura é uma construção que vem da infância, e que a memória afetiva construída nessa fase é bastante influenciada, especialmente por professores, ou por iniciativa própria. Ressalta-se que a influência à prática de leitura, durante a infância, tem correlação direta com o meio social e com a formação e a escolaridade dos pais. Por fim, considera-se que a prática da leitura, durante a infância, é tema a ser estudado sempre com profundidade, inserindo-se nessas reflexões, os investimentos em educação à longo prazo que devem compor a agenda política, e os programas de promoção a leitura envolvendo, tanto a sociedade civil, quanto o governo.

Palavras-Chave: Memória. Leitura. Informação. Formação leitora. Aspectos sociais.

Abstract: The present study aims to address aspects related to the importance of the construction of childhood memory for readers development. To this end, it presents the concepts of material and immaterial memory and of reading at the first stage of life, as well as the social aspects that influence the reading development of students from the community courses for college entrance examination. It is based on the premise that education and reading are tools of social insertion and emancipation. The adopted methodology has an explanatory and bibliographic aspect in order to understand the relations of the affective memory of reading and the social aspects in the process of a readers development. It defends the idea that memory can be identified as a cognitive, subjective, psychic, sociocultural category or function of the informational subject, since - in the field of Information Science - memory is presented as a conceptual category close to one of knowledge and information. From the obtained data, it is possible to affirm that the reading practice is a construction that comes

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

from childhood and that the affective memory is built at this stage, greatly influenced by teachers or by their own initiative. It is emphasized that the influence on reading practice during childhood has a direct correlation with the social environment and with parents' education and schooling. Lastly, it is considered that reading practice during childhood is a theme to be studied deeply including on this reflection the issues involving investment in long-term education which must be part of the political agenda and programs that promote reading both in civil society and in the government.

Keywords: Memory. Reading. Information. Reader training. Social aspects.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é reconhecido por sua grandeza, diversidade e multiculturalidade, e também pelas suas grandes disparidades sociais, educacionais e econômicas. No entanto, o artigo 5º da Constituição Federal de 1988, diz que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”. No entanto, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que as oportunidades não são igualitárias, tendo profundas desigualdades entre: ricos e pobres, cor/raça, mulheres e homens, etc¹. A realidade social mostra que as relações sociais são mantidas através de exclusão ou por inclusão precária.

As classes populares, definidas pelo pensamento freireano como detentoras de um saber, não valorizadas e excluídas do conhecimento historicamente acumulado pela sociedade, mesmo apresentando a necessidade de construir uma educação, a partir do conhecimento do seu povo, buscam na educação formal um meio de emancipação social.

A leitura, nesse sentido, é ação evidente de trajeto emancipatório, por ser ela prática de compreensão dos caracteres, das gramáticas e simbologias de linguagem, expressas em suporte por meio de sinais comumente identificados de forma coletiva.

Assim, partindo da premissa de que a educação e a leitura são ferramentas de inserção e emancipação social, entendemos que essa última pode ser entendida como um processo que é construído ao longo da vida, uma busca constante por aprender a aprender, e que começa desde os primeiros anos de vida. Estudos apontam que o estímulo à leitura, ainda quando o bebê está na barriga da mãe, bem como na primeira infância, ajuda a desenvolver o gosto pela leitura².

A memória afetiva entendida no âmbito das lembranças e percepções, representativas de experiências que, fixadas no passado, permitem que sejamos capazes de reconstruir significados relacionados a sentimentos, ou situações pretéritas ainda capazes de nos corar ou empalidecer, nos fazer rir ou chorar (ISAACSSON, 2004). Ela é, portanto,

¹ Informação disponível em:

http://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2014/apresentacao_ef_a_29012014.pdf

² O tema da leitura ainda na fase uterina é amplamente discutido e a sua importância já faz parte do senso comum, no entanto no encontro anual da Pediatric Academic Societies (PAS) foram apresentadas pesquisas que comprovam que o estímulo precoce muda a relação de sujeitos com a leitura, aumentando as chances de formar um leitor ávido. Informação disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Os-primeiros-1000-dias-do-seu-filho/noticia/2015/11/importancia-de-ler-para-o-bebe-desde-barriga.html>

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

processo condutor de sentimentos, afetos e humores (SCHWARZ, 2012, pp. 159-160) que desembocam em formas pelas quais processamos, julgamos e apreendemos o mundo a nossa volta.

Relacionando a memória afetiva com a leitura e a família, podemos entender que ela é construída através das histórias contadas e vivências no meio familiar. É o ato de transmitir uma mensagem e, ao mesmo tempo, estabelecer laços afetivos entre leitor e ouvinte, expressando a importância da leitura e o valor da instituição familiar, assim entendendo que cada família traz consigo a memória social, e contribui para formação da sociedade de forma mais ampla (BARROS, 1989).

Partindo do princípio que a leitura é a ferramenta que permite ligar o sujeito à informação na sociedade em que vivemos, ou seja, vai além do ato de ler e se completa através da “leitura” de mundo, proposta por Martins (1986), como aquela que permite que o indivíduo desenvolva o senso crítico e veja além do senso comum, e que através da leitura esse ser ganhe autonomia mudando seu lugar na sociedade. Nesse sentido, o incentivo a prática a leitura, ainda na infância, torna-se relevante para construção e formação de sujeitos críticos.

Oliveira (2017, p.23) entende a leitura como o instrumento básico que permite a comunicação e a aquisição de conhecimento. “É uma complexa atividade que envolve elementos sensoriais, emocionais, cognitivos, neurológicos, culturais, econômicos e políticos”.

No sentido cognitivo, compreendemos que a memória afetiva, ou memória de leitura durante a infância, deva ser considerada como um ponto de partida para que sujeitos não apenas se tornem leitores, mas que possam adquirir meios para que sejam produtores de um conhecimento sobre si e sobre o mundo que não cessa de se atualizar, tanto quanto a memória. Ou seja, o ator social que vive a infância é, ele próprio, uma espécie de “livro por vir” (DERRIDA, 2004, p. 19) por ser ele sujeito que se individua em uma construção/escrita de si que não cessa enquanto vivo, que não “fecha” enquanto aberto. Com efeito, a memória é parte constitutiva, elo inquebrantável do processo de individuação, (SIMONDON, 2015) desde a infância até o momento que fechamos nosso livro da vida.

Assim, o presente trabalho visa abordar aspectos relacionados à importância da construção da memória infantil para a formação leitora. Para tanto, será explorado ao longo do texto conceitos de memória material e imaterial, leitura na primeira fase da vida, e

aspectos sociais que influenciam na formação leitora de um grupo de alunos de pré-vestibular comunitário.

2 PROCEDIMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

O procedimento metodológico adotado para elaboração deste trabalho é de caráter crítico, visto que buscamos conectar ideias que convidem o leitor a realizar uma reflexão sobre a correlação entre memória e leitura, tendo como caso analítico a construção da memória infantil, bem como os aspectos sociais que influenciam na formação leitora dos alunos do pré-vestibular comunitário, na tentativa de verificar como os temas se juntam e interagem. O caso aqui analisado provém de dissertação de mestrado, já defendida e, para esta comunicação, agregou-se à sua reflexão a perspectiva da memória, enquanto elemento mediador do processo cognitivo do leitor e, portanto, individuante de seu processo social.

Para tanto, adotou-se o levantamento bibliográfico como técnica para construção do referencial teórico, com o objetivo de compreender as causas e efeitos da memória afetiva da leitura, e os aspectos sociais no processo de formação leitora.

3 MEMÓRIA EM PERSPECTIVA (I) MATERIAL

Mas o que se entende por memória? Termo este complexo. Ela é construção presente que se projeta para o tempo futuro. Não é resgate do passado, não tem endereço no pretérito e, portanto, não se constitui algo ou lugar a ser encontrado e acessado. É projeto de futuro por se localizar no *momentum* de sua construção. Empurrada pelos “pesos” de tradições e amarras ético-discursivas, mas também outrora cobrada pela perspectiva moderna e progressista de um futuro que lhe seria fiduciária (ARENDRT, 2011).

Toda cognição presente no ato de compreender a informação é evidência dos atos de percepção e lembrança. Ambas são desenvolvidas pelos sujeitos ao longo da vida, mediadas pelo meio em que estão inseridos. Em Hannah Arendt a memória seria: “uma capacidade do espírito de fazer presente o invisível” (ARENDRT, 2002, p. 244). Essa capacidade é da ordem da continuidade da vida. Ou seja, perdura enquanto o espírito se fizer presente. E, enquanto presente estará também explicitado a ligação entre memória e as ações ou valores que compõem um dado quadro social (HALBWACHS, 2006) que nada mais é do que formas de representação, onde nos conectamos, mais ou menos, com determinados grupos sociais que seriam significativos e representativos, para o fato presente no qual estivéssemos inseridos.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

A leitura, portanto estaria como prática mediadora de experiências materiais e relacionais. Portanto ação de coligação do indivíduo que lê com os estratos sociais, lugares e instituições com que ele se identificaria.

Ou seja, a prática da leitura poderia ser compreendida enquanto práxis relacional, informacional e, portanto, mediadora entre indivíduo e sociedade. Esta se daria pelas representações de quadros sociais, de maneira a compreender, classificar e indexar as estruturas sociais já dadas, em contraposição às ações presentes que precisariam compreender-se em um dado tempo e espaço inteligível, dentro de um paradigma durkheimniano de busca pela coesão e ordens sociais.

Ainda assim, cabe termos em perspectiva a contribuição de Halbwachs, ao considerarmos que a memória é representação mediada por categorias não somente materiais, mas também imateriais, a saber: suporte informacional e afeto. Este primeiro entendido por Cunha e Cavalcante (2008, p.354) como “objeto material, ou dispositivo, sobre qual, ou no qual se encontram representados dados ou informações”.

No segundo, presente em todo o cotidiano do sujeito social, é ele o afeto que possibilita à memória remeter-se às experiências passadas, atuando como uma espécie de função primordial, onde “certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419).

A memória pode ser identificada enquanto categoria ou função cognitiva, subjetiva, psíquica, e sociocultural do sujeito informacional. Mas ela é também canal de mediação entre poderes públicos, suas instituições e a sociedade civil, ou pelo menos setores as quais as políticas estão direcionadas. Dessa forma, no campo da Ciência da Informação (CI) a memória se apresenta como categoria conceitual próxima àquela do conhecimento e da informação. Afinal ela é acionada pelo acesso à informação, assim como ela também é “força motriz” para a construção/produção de informação.

Memória também se confunde com a categoria de conhecimento. Saberes, conhecimentos tácitos, produzidos e mantidos em grupos sociais específicos, acabaram por sobreviver na História, pela manutenção de ações onde a memória mantinha-se forte e atuante. Da oralidade aos tambores (GLEICK, 2011), ou dos cânticos à escrita e sua gramática, a memória, como a informação, sempre dependeu de ações ou de objetos de mediação. Na CI, portanto, estudar as mediações, as unidades de informação, seus regimes e

sistemas de acesso e recuperação é, sobretudo, compreender estruturas físicas e políticas que mediaram a memória humana, em uma sociedade cada vez mais acelerada.

Contudo, apesar da aceleração, algo não cessa de se mostrar amplamente presente no processo de construção do conhecimento e de acesso à informação: a leitura.

4 ASPECTOS SOCIAIS QUE IMPACTAM A LEITURA

Freire (1985, p. 27-28) ressalta que é impossível refletir sobre educação sem analisar o homem, esse ser inacabado e, por isso, precisa educar-se, “não haveria educação se o homem fosse acabado”. A educação é a busca permanente de “si mesmo” e ela não pode ser feita de forma exclusiva na individualidade.

Como seres inacabados e em constante individuação, ser educados parece ser condição *sine qua non* para vida em sociedade. Entendemos também que processo educacional é em algum sentido uma espécie de “gramática” necessária para a comunicação do pensar. O pensamento “consiste num ato de sensibilidade, ou melhor [...] e cria em nós a disposição de uma ‘sensibilidade aberta’ aos signos do mundo. Ao produzir esta abertura, a experiência do pensamento possibilita a emergência de novas maneiras de sentir, perceber e pensar” (MELO, 2010, p. 236).

Ainda sobre o processo educacional, parece-nos claro que em sua grande maioria ele seria iniciado pela família, principalmente na figura dos pais, onde aprendemos de forma lúdica a conviver com outros sujeitos, respeitando os limites e ao próximo, para em seguida ter continuidade através da escolarização, que se torna um meio capaz de desenvolver nos indivíduos sua potencialidade ao permitir “pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, como previsto no artigo 205 da Constituição Brasileira de 1988.

No entanto, os grupos de classes populares sofrem grande dificuldade para ter acesso a essa etapa, pois a busca pelo sustento, muitas vezes, impede que os familiares participem minimamente do processo de formação dos seus filhos, deixando para outras instituições, tais como a escola e a creche, a responsabilidade de ensinar preceitos de convívio básico.

Zitkoski, J (2008, p. 215-216) defende o pensamento freireano ao dizer que:

Freire fundamenta a esperança de humanização a partir da transcendência de uma natureza que se constrói a si mesma em um processo sempre aberto para transpor as barreiras que atrofiaram nosso potencial e/o vocação para o ser mais. O papel da educação libertadora é potencializar esse dinamismo da natureza humana e cultivar a dialética ação-reflexão na

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

busca de conscientização histórica de um nível mais elevado de humanização do mundo.

Uma vez que parte considerável da população brasileira é composta de crianças e jovens³, pensar em melhorias para a educação é uma possível estratégia de se pensar no presente e no futuro do país, visto que a educação não é igualitária entre classes e que a educação formal é um meio de emancipação social para classe popular.

Ainda em Freire (1975, p. 165), observa-se que as relações de poder entre oprimido e opressor têm o intuito de dividir e, ao mesmo tempo, manter divididas tornam-se condições imprescindíveis para a continuidade do poder.

Nesse sentido, ainda que se fale num modelo de educação com políticas sociais que visem à qualidade da educação, Paiva (2013, p. 85) destaca que essas políticas são voltadas para atender ao mercado, mesmo quando:

[...] este modelo defende princípios de uma educação libertadora. Sujeitos – participantes ou não de lutas populares, que incluem as lutas por educação de qualidade são atravessados por diversas concepções de qualidade – explicitadas ou não nos discursos, nas formas de organização e nas relações entre os segmentos da escola (PAIVA 2013, p. 85).

5 LEITURAS EM CAMPOS DE AFETO E MEMÓRIA

Em pesquisa realizada em 2017, cujo objetivo foi identificar o perfil leitor dos alunos de pré-vestibulares comunitários, localizados em Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro. Nesse recorte territorial encontram-se os seguintes cursos de pré-vestibulares: Projeto Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes (EDUCAFRO), unidade localizada no bairro da Taquara; Projeto Construindo Saber (PCS), na comunidade do Rio das Pedras; e o Projeto Educação Comunitária (Educom) no bairro da Gardênia Azul. Uma parte do questionário foi destinada a identificar interação familiar no processo de formação leitora, buscando essa relação na memória afetiva da infância, e identificar a influência da família no hábito de leitura desses jovens. Participaram da pesquisa 119 alunos de 3 pré-vestibulares comunitários

Cabe esclarecer que esses grupos que compõem os cursos pré-vestibulares comunitários são jovens com idade entre 17 e 19 anos, possuem renda familiar de até 3 salários mínimos e são oriundos de escolas públicas. Logo, podemos inferir que este grupo

³ Informação disponível no IBGE, site acessado: <http://vamoscontar.ibge.gov.br/atividades/ensino-fundamental-6-ao-9/49-piramide-etaria>

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

está diretamente ligado ao processo de formação do povo brasileiro, inseridos na classe popular e que vivem à margem da sociedade. Pode-se deduzir também que através da comunicação é possível estabelecer relações de dominação. Estas relações estão diretamente ligadas ao "conhecimento e ao reconhecimento" desses sujeitos na sociedade. Nesse sentido as "relações de comunicação" são entendidas como relações de poder, pois elas são evidência do *habitus* no qual determinado grupo se reconhece, se comunica e ou mesmo se violenta — ainda que simbolicamente, quando não materialmente — e "onde se atualizam as relações de força entre os locutores ou seus respectivos grupos" (BOURDIEU, 2008, p.23-24).

A partir dos resultados obtidos, observou-se que a família desses grupos tem/teve pouca, ou quase nenhuma, participação no processo de formação leitora desses jovens. O respectivo grupo estudado reconheceu que possui dificuldades para compreensão de texto, principalmente, quando se trata de textos mais extensos, uma vez que possuem dificuldades de concentração e não gostam de dedicar muitas horas para leitura. Para eles, esse ato é considerado perda de tempo. Mas o que seria perder tempo? E como seria possível resgatá-lo? A condição efêmera do tempo é parte de sua natureza. O que resgatamos é da ordem da representação daquilo que se findou. Que no tempo, obteve seu término. Experiências, relações, trajetórias, cerimônias, leituras. A leitura permite que vez por outra possamos agir contra o tempo relativizando-o no compasso do ato de ler.

O tempo não é uma corda que se possa medir nó a nó, o tempo é uma superfície oblíqua e ondulante que só a memória é capaz de mover e aproximar (SARAMAGO, 2005, p. 137).

Visto que leitura não é apenas o ato de ler, e levando em consideração as condições e a realidade desse grupo, a mediação é um instrumento que pode estimular a prática da leitura, a partir da análise do perfil leitor dos alunos dos cursos dos pré-vestibulares comunitários que participaram da pesquisa. Nesse sentido, refletir sobre memória, infância, literatura e oralidade a partir da leitura torna-se cada vez mais relevante.

A leitura também, talvez, pois o que a criança explora ou teme nos livros é em larga escala esse ser estranho, inquietante, fascinante, que está dentro dela, do qual ela ignora porções inteiras e que às vezes se revela se constrói por acaso quando encontra uma página, esse lugar distante no interior, o mais íntimo, o mais escondido, que é, contudo, onde nos abrimos para o outro. Aí encontra-se grande parte do segredo que procuram os leitores, às vezes freneticamente – e que outros, ao contrário esforçam-se para evitar. (PÊTIT, 2009, p.53)

5.1 Dados sobre a memória de leitura durante a infância

Partindo do princípio que a imaginação é

[...] é fonte de criação. Pelo imaginário, pode-se conservar imagens num lugar fora do tempo em que a instantaneidade é permitida e fora de um lugar real, propriamente dito. Isto ocorre no ato da leitura em que são possíveis deslocamentos, sem que o objeto, o personagem, o acontecimento envelheçam ou mudem. (BARRETO, 2003, p. 45).

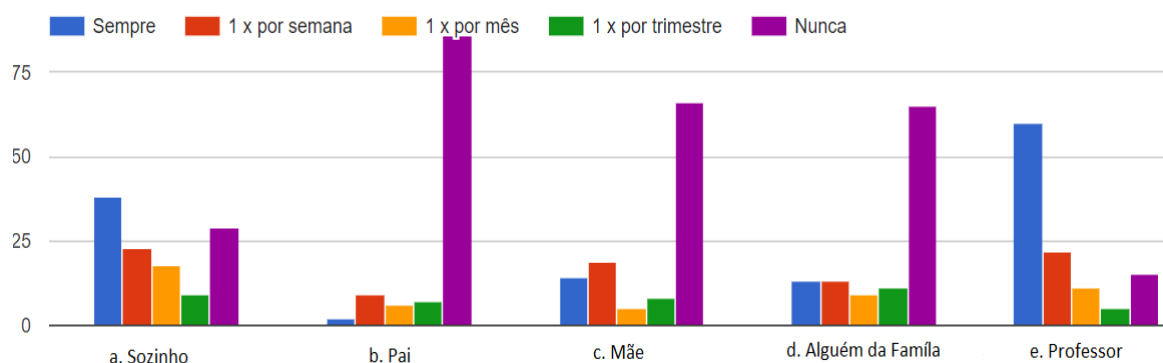
Entendendo a leitura como instrumento que dá espaço para que a imaginação flua e esta possibilita a construção de experiência concreta e construa memórias afetivas, podemos concluir que a prática leitora, durante a primeira infância, contribui para formação de leitores dos sujeitos.

Logo, os dados apresentados a seguir nos levam à possibilidade de um entendimento sobre o processo de formação leitora do grupo estudado, levando-se em conta aspectos relacionados ao meio social em que esses sujeitos estão inseridos, bem como as oportunidades que lhes são oferecidas.

Quando perguntados sobre quem eram as pessoas que liam durante a infância, buscando em sua memória afetiva, a maioria dos respondentes afirmou que os entes familiares nunca leram na fase inicial de suas vidas (54,6%). Na pergunta exclusiva sobre o pai e mãe, as respostas foram respectivamente de 72,3% e 55,5% que nunca leram para os seus filhos. É possível diagnosticar que a figura paterna foi a mais impactante.

Somando as respostas “sempre” e “1 x por semana” 68,9%, dos alunos disseram que a figura que tem maior representatividade em sua memória de leitora são os professores, conforme apresentado nos Gráfico 01.

Gráfico 01 - Em sua infância, quem lia para você e com que frequência?



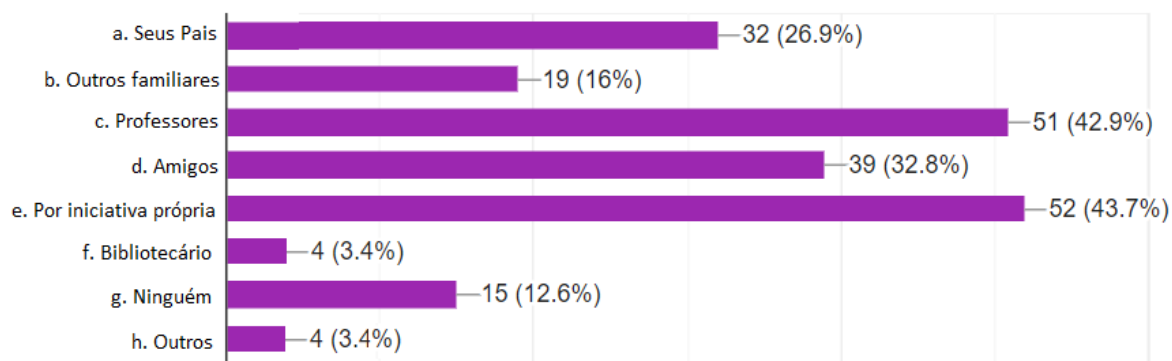
Fonte: COSTA, 2017

Os dados acima mostram que a figura paterna que assume o papel de “provedor do lar” deixa uma marca evidente na memória afetiva desses sujeitos pela lacuna de suas ações. Assim como os pais, as mães mesmo tendo que buscar um emprego para complementar a renda, também não contribuem tão diretamente na formação desses jovens, mesmo que elas apresentem uma representatividade um pouco maior.

Outro fator que também pode ser levado em consideração para esses resultados é o fato de se tratar de estudantes cujos pais têm baixo nível de escolaridade. São eles, em sua maioria, oriundos de outros estados, principalmente norte e nordeste, em busca de oportunidades de emprego e melhoria de vida para eles e os seus.

Os principais influenciadores da leitura para os alunos, como apresentado no Gráfico 02, são eles mesmos (43,7%), depois os professores (42,9%) e seus amigos (32,8%). Os bibliotecários foram indicados como os que menos influenciaram na formação leitora desse grupo, apenas 3,4%, o que demonstra que a relação entre esses alunos e a biblioteca ou a figura do bibliotecário não é próxima.

Gráfico 02 - Que pessoas influenciaram você a ler?



Fonte: COSTA, 2017

Os dados apresentados acima mostram a pouca relação da família com a formação leitora. No entanto, depois do processo de alfabetização, os pais e familiares passam a ser mais presente na vida leitora desses alunos. 35% disseram que algumas vezes eram presenteados com livros, revistas em quadrinhos e/ou outras revistas, 24,8% muitas vezes, 23,1% poucas vezes e 17,1% nunca.

Em relação a esses dados, o que chama atenção é o fato dos bibliotecários terem pouca influência na formação leitora desses alunos, o que sugere um campo importante de investigação. O que nos leva a inferir que esses profissionais não fizeram parte da vivência escolar, logo, as escolas públicas em sua maioria ainda não têm em seu quadro funcional, bibliotecários.

O pensamento freireano entende o ser humano como um indivíduo inacabado e em constante busca de uma identidade na sociedade:

é esse inacabamento que abre todo um debate e toda uma possibilidade de intervenção educativa [...] nas a tomada de consciência não é suficiente. É preciso que ela seja acompanhada de uma ação sobre si mesma e sobre o mundo, essa ação de hominização do mundo, isto é, de intervenção na sociedade e na natureza tentando ultrapassar seu inacabamento (GADOTTI, 1992, p. 155).

Simondon apontaria tal status inacabado como condição de metaestabilidade (SIMONDON, 1989), do ser. Para ele o processo de metaestabilidade aponta a característica de potência da individuação do ser que apenas cessaria com a morte. A estabilidade é a condição de impotência de continuidade da individuação. Portanto, o processo emancipador freireano é similar ao processo individuante simondoniano. A memória, com efeito, conduz-

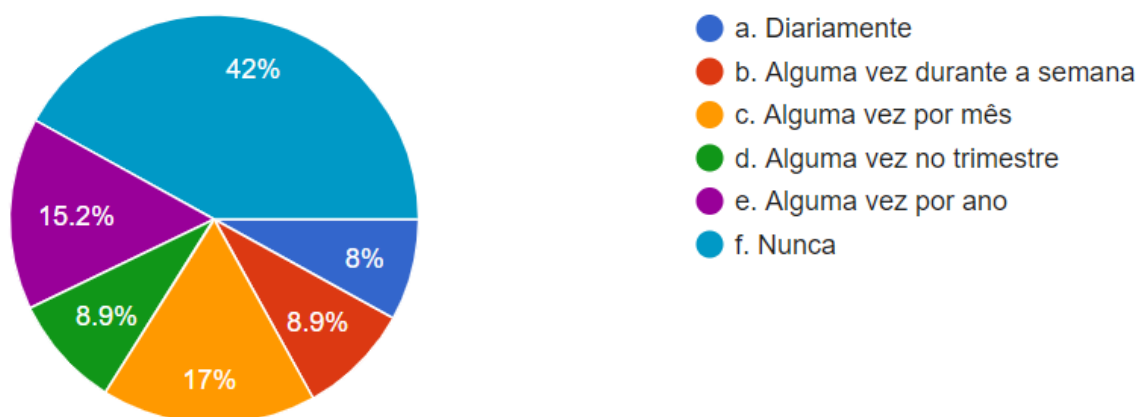
se como um dos canais para a individuação (COMBES, 2017). É ela elemento conectivo das percepções no presente em face do mundo que se apresenta. O aprendizado, a leitura, e a emancipação não se viabilizam sem a possibilidade do reconhecimento da informação, do mundo material, e dos símbolos que são apreendidos por nós, e registrados por meio das linguagens, gramáticas e suportes. Emancipar-se é, nesse sentido, estar em conexão com tais aspectos.

A emancipação é entendida como “um processo de autonomia e empoderamento para intervir no mundo, promover ações voltadas ao desenvolvimento do ser humano, ressignificando o conhecimento e se apropriando de entendimentos dialéticos da história” (SILVA, 2013, p. 763).

A leitura é um processo contínuo, um ciclo que nunca se completa, pois a cada texto lido estamos reaprendendo, e na era da informação estamos cada vez mais expostos a novos. Nesse sentido, a pesquisa buscou saber se esses jovens, com ensino médio completo, se preocupam em ler para bebês, crianças, jovens, adultos, ou idosos, analfabetos ou não.

O Gráfico 03 mostra que 42% dos respondentes nunca realizaram essa prática, apenas 8% têm o hábito de ler para alguém, fazendo que informação e conhecimento sejam disseminados e, possivelmente gerando memórias afetivas para esses sujeitos.

Gráfico 03 - Você lê para bebês, crianças, jovens, adultos, ou idosos?



Fonte: COSTA, 2017

A partir dos dados apresentados, podemos concluir que a prática de leitura é uma construção que vem da infância, a memória afetiva construída nessa fase é bastante influenciada por terceiros, especialmente por professores. Ao mesmo tempo, podemos observar que os sujeitos que tiveram mais experiências com a leitura na infância, ou que buscam a educação formal, levam a leitura através da mediação para outras pessoas, com o objetivo de promover essa experiência com outros os sujeitos com as quais se relacionam, construindo assim memórias afetivas, e possibilitando a formação de novos leitores.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo se propôs a refletir sobre a importância da memória infantil, e considerando sua face afetiva, para a formação leitora, apresentar conceitos de memória material e imaterial, leitura na primeira fase da vida, aspectos sociais que influenciam na formação leitora desse grupo de alunos do pré-vestibular comunitário, e os resultados de uma parte da pesquisa realizada durante o mestrado.

Visto que a memória não deveria ser considerada apenas como um truísta resgate do passado, mas sim enquanto projeto de futuro vivenciado e construído no presente, a ideia defendida ao longo do texto, de que o incentivo a leitura durante a primeira infância é importante e contribui para formação de leitores e autonomia dos sujeitos ao longo da vida cotidiana.

Através dos dados obtidos em campo, podemos concluir que a família não tem quase nenhuma participação na formação leitora desses jovens deixando a cargo das escolas, na figura dos professores a construção da prática leitora. O fator construção social e meio, bem como a formação dos pais — que em maioria estão representadas por pessoas com pouca ou nenhuma prática de leitura, egressas de outras regiões do Brasil como Norte e Nordeste em busca de oportunidades de trabalho —, acaba por dificultar a dinâmica de construção de memórias afetivas mediadas pelas leituras na primeira infância.

A figura dos bibliotecários não é representativa na memória afetiva desse grupo. Logo, esses profissionais devem estar mais presente no cotidiano das escolas. Para combater essa realidade, no ano de 2010 foi criada a Lei da universalização das bibliotecas escolares (Lei nº 12.244/2010) com objetivo de que todas as escolas, públicas ou particulares tenham bibliotecas e bibliotecários. O Ano estipulado para o cumprimento desta lei é 2020, e sabemos que não será possível atingir o objetivo.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

O tripé formado com a memória afetiva, questões sociais relacionadas à formação leitora e sujeitos inseridos nesse processo, mostra que a influência a prática leitora durante a infância tem correlação direta com o meio social onde esses jovens estão inseridos e também com formação e escolaridade dos pais.

Nessa perspectiva, para que se tenha uma sociedade mais justa e de leitores mais atuantes e capazes, a leitura durante a infância é uma *praxis* cujo contínuo estudo carece ser incentivado. Sem deixar de lado as questões que envolvem investimento em educação a longo prazo, uma agenda política de programas que promovam a leitura, envolvendo tanto a sociedade civil quanto os governos, parece ser um dos pontos a ser demandados nos espaços republicano, pelos atores de instituições educacionais, e aqueles ligados à ciência e tecnologia.

Assim, o estudo trata-se de uma reflexão inicial sobre a relação da memória, com a prática da leitura durante a infância, no campo da Ciência da Informação. Portanto, o assunto não se esgota, podendo gerar novos estudos sobre o tema e, assim, maior compreensão das suas relações e conexões.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **La Voluntad. In: La Vida del Espíritu**. 1ª ed. Col. Paidós Básica 110. Trad. Carmen Corral y Fina Birulés. Buenos Aires: Paidós Editora, 2002.

Barreto, Angela Maria. Os espaços de leitura. **Revista eca**, São Paulo: Eca/USP, v.12, n.1, 2003, p.41-53.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Poder Legislativo. Brasília, DF, Ano 77, n. 191-A, 5 out. 1988, p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 18 jul. 2019.

COSTA, Patrícia dos Santos. **O perfil leitor dos jovens e adultos que frequentam os cursos pré-vestibulares comunitários**: atuação bibliotecária a favor da educação / Patrícia dos Santos Costa. - 2017. 147 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, Brasil, Rio de Janeiro, 2017.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DERRIDA, Jacques. **Papel-máquina**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23.ed. São Paulo: Cortez, 1989. 88 p.

_____. **Educação e Mudança**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 80 p.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GLEICK, James. **The information: a history, a theory, a flood**. New York: Pantheon books, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

ISAACSSON, Marta. O passado, origem da autenticidade do presente, nas pesquisas de Stanislávski e Grotowski. In. **Urdimento Revista de Estudos em Arte Cênicas** n.6, p. 9-19, Florianópolis, PPGT-CEART-UDESC, 2004.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2003.

MARTINS, Maria Helena. **O que é a leitura**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MELO, Danilo Augusto Santos. Resistência e criação nas práticas de ensino e aprendizagem, por uma educação aberta. **Childhood & Philosophy**, v.6, n.12, 2010, p. 229–54.

OLIVEIRA, Cilene Alves de. **O comportamento leitor dos alunos da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)** 2017, 106 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

PAIVA, Jane. Qualidade na educação de jovens e adultos: traduções em disputa na prática de redes públicas no Rio de Janeiro. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, Vitória: PPGE/UFES, v. 19, n. 37, p. 79-108, jan./jun. 2013.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Editora 34, 2009.

RETRATOS da Leitura no Brasil. 4. ed. Rio de Janeiro: Instituto Pró-Livro, 2016. Disponível em: < http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>. Acesso em: 01/07/2019

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

_____. **4ª edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil** [Apresentação]. Instituto Pró-Livro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <
http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf> Acesso em: 18 jul. 2019

SARAMAGO, José. **O evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHWARZ, Norbert. Feelings as information: implications for affective influences on information processing. In MARTIN, L. L; CLORE, G. L. (orgs). **Theories of mood and cognition: A user's handbook**. Mahwah, NJ: Erlbaum, 2012.

SIMONDON, Gilbert. **La individuación a la luz de las nociones de forma y de información**. Cactus, Argentina, 2015.

_____. **Du mode d'existence des objets techniques**. 3.ed. Paris: Aubier, 1989.

ZITKOSKI, Jaime José. Humanização/desumanização. In. STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.